

Roger Taussig Soares¹
Leticia Oliveira Alminhana²

¹ Hospital Alemão Oswaldo Cruz, Grupo de Estudos em Religiosidade e Espiritualidade – São Paulo, SP.

² Laboratório de Estudos Avançados Multidisciplinares - LEAM. Universidade do Estado do Rio Grande do Sul -UERGS. Grupo de Trabalho Psicologia e Religião da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia - ANPPEP.

✉ **Roger Soares**
Rua Maestro Cardim, 560 – conjunto 161 – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP: 01323-000
📧 roger-soares@hotmail.com

RESUMO

A escala de orientação religiosa, desenvolvida por Allport, explorou originalmente a ideia de que a religiosidade intrínseca poderia estar inversamente relacionada com comportamentos de preconceito e que a religiosidade extrínseca estaria diretamente relacionada com discriminação racial. Religiosidade intrínseca seria uma expressão de uma personalidade madura, menos propensa a atitudes discriminatórias. Nessa revisão investigamos a origem teórica da escala I/E no livro *The individual and his religion*, publicado por Allport. Identificamos que a Escala I/E não foi capaz de operacionalizar os conceitos originais do autor, o que resultou em afastamento da ideia de correlação entre desenvolvimento da personalidade e religiosidade. Os autores recuperam a noção de religiosidade como função autônoma integradora do comportamento desenvolvida na dependência do amadurecimento pessoal. Propõem o estudo metódico da interface personalidade-religiosidade com base no conceito de Allport como meio para investigar de que forma a orientação religiosa se relaciona com indicadores de maturidade e saúde mental.

Palavras-chave: Personalidade; Preconceito; Espiritualidade.

ABSTRACT

The religious orientation scale, developed by Allport, has explored the initial hypothesis that intrinsic religiousness could be inversely related to prejudice behavior and, on the other hand, extrinsic religiousness would directly correlate with racial discrimination. Intrinsic religiousness might represent the expression of a mature personality, less predisposed to bigotry. In this review the authors investigate the theoretical substract for the I/E Scale in the title *The individual and his religion*, written by Allport. It is pointed that the I/E Scale did not manage to operationalize the original concepts form its author, which resulted in alienation from the idea that there is a correlation between personality growth and religiosity. The authors engage in recovering the notion of religiosity as an autonomous integrative function of behavior, developed as consequence of personal maturation. They propose a methodic exploration of the interface personality/religiosity based on Allport's concepts as a means to investigate how religious orientation is related to indicators of maturity and mental health.

Key-words: Personality; Prejudice; Spirituality.

Submetido: 28/05/2019
Aceito: 23/08/2019

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento teórico do conceito de religiosidade intrínseca (RI) e religiosidade extrínseca (RE), por Gordon Allport (1897-1967), se estendeu por mais de 20 anos e culminou com a publicação em 1967 de uma Escala de Orientação Religiosa. Desde então, a Escala de Orientação Religiosa de Allport-Ross tem sido largamente utilizada em publicações na área de Psicologia da Religião (VOICI; BOSETTI; VENEZIANI, 2017).

Apesar de amplamente citada, replicada e adaptada por centenas de pesquisadores, a Escala de Orientação Religiosa foi também intensamente criticada em sua metodologia e validade enquanto constructo teórico. A polêmica se estendeu a ponto de Kirkpatrick e Hood (1990) questionarem se a mesma é benéfica ou danosa (boon or bane) para a área de estudo, recomendando o abandono dos conceitos em favor de outras medidas mais promissoras. Todavia, a ideia de RI e RE parece útil para outros pesquisadores, como Masters (2006) que responde a Kirkpatrick e Hood (1990) dizendo que as dificuldades podem ser superadas e os benefícios mantidos.

A despeito das controvérsias teóricas, os conceitos de religiosidade intrínseca e extrínseca continuam a motivar pesquisas e publicações, assim como adaptações transreligiosas e transculturais (BREWCZYNSKI; MACDONALD, 2006; DARVYRI et al., 2014; KHODADADY; BAGHERI, 2012; TAUNAY et al., 2012).

A proposta dessa revisão é recuperar os conceitos originais de Allport que levaram à construção da Escala I/E, como é mais conhecida (TILIOPOULOS et al., 2007). Com essa perspectiva, espera-se demonstrar que existe um hiato entre a fundamentação teórica desenvolvida por Allport e a construção prática da Escala I/E que, com poucas exceções, segue negligenciada pelos autores dedicados ao assunto.

REVISÃO DE LITERATURA

Este estudo é caracterizado como uma revisão narrativa de literatura, sendo que a busca de artigos foi feita entre agosto e setembro de 2018, nas bases de dados: Psychnet, Medline e Google Scholar. Os termos utilizados para a busca foram: "religious orientation" (N= 643) e "intrinsic relig*". (N=298). Além disso, também foi feita uma busca manual de artigos e livros citados nas referências dos estudos. Não foram utilizados limites de busca em termos de língua ou ano de publicação.

ORIENTAÇÃO RELIGIOSA E PRECONCEITO

A ideia de orientação religiosa de motivação intrínseca ou extrínseca foi a hipótese construída por Allport para justificar a presença de preconceitos e discriminação entre pessoas religiosas. Estudando religiosidade entre civis e militares, Allport evidenciou que a presença do preconceito racial era, de fato, maior entre religiosos do que entre não-religiosos (ALLPORT;

GILLESPIE; YOUNG, 1948; ALLPORT; KRAMER, 1946).

O autor identifica o preconceito com um pilar da sociedade secular, especialmente decorrente do autoritarismo, expressando-se na forma de nacionalismo e de exclusão. Reconhece que a existência de preconceito entre religiosos constitui um paradoxo, tendo em vista que os valores das religiões não aprovam comportamentos discriminatórios (ALLPORT, 1966).

Allport (1966, p.447) postulou que existem razões diferentes pelas quais os indivíduos aderem às religiões e suas práticas. Chamou essas predisposições de "orientação religiosa com base nos valores de motivação para o comportamento religioso". Os indivíduos de motivação intrínseca enxergam a religião como um valor em si, já os de motivação extrínseca têm a religião como um meio para um valor secundário, como a aceitação social e resolução de problemas pessoais. Esses últimos, segundo Allport (1966), estariam mais propensos a manifestarem preconceitos diversos porque não estão diretamente comprometidos com os princípios fundamentais da doutrina que professam.

A partir dessa perspectiva, Allport (1967) elaborou uma escala com itens para avaliar a predisposição de motivação intrínseca e extrínseca. Antes da publicação de *Personal religious orientation and prejudice* (ALLPORT; ROSS, 1967), o autor testou duas versões prévias da escala nas publicações de Feagin (1964) e Wilson (1960), ambos pesquisadores de seu grupo.

RELIGIOSIDADE INTRÍNSECA E EXTRÍNSECA SÃO DIMENSÕES INDEPENDENTES

Contrariamente ao esperado por Allport (1967), as análises estatísticas da Escala I/E mostraram que RI e RE não são dependentes entre si. Na idealização do autor, RI e RE corresponderiam aos dois polos extremos de uma única dimensão. Por essa razão, Allport (1967) antecipa que os respondentes que se identificam com itens intrínsecos não devem pontuar nos itens extrínsecos e vice-versa. Em tese, os valores intrínsecos e extrínsecos seriam mutuamente opostos e excludentes (ALLPORT; ROSS, 1967).

Todavia, a análise estatística de *Personal religious orientation and prejudice* (ALLPORT; ROSS, 1967) revelou uma disposição ortogonal entre RI e RE, ao invés da correlação negativa prevista pelo autor. Realizando uma meta-análise de 34 estudos publicados até 1985, Donahue (1985) confirma o achado de Allport (ano), encontrando uma correlação de -0,6 entre os escores I e E

A expectativa de Allport (1967) era que a orientação religiosa fosse uma dimensão única que se distribuiria ao longo de um espectro, tendo em um polo as pessoas puramente intrínsecas e, no seu extremo oposto, pessoas puramente extrínsecas. Entretanto, os dados obtidos com a aplicação clínica da Escala I/E evidenciaram que as opções por itens intrínsecos ou extrínsecos corriam de modo independente entre si. Com a correlação entre I e E insignificantes, formam-se quatro grupos que Allport (1967, p. 438) define como "tipologia quádrupla": religiosos intrínsecos, religiosos extrínsecos, indiscriminadamente pró-religiosos e indiscriminadamente anti-religiosos (tabela 1).

Quadro 1: Quatro tipologias de orientação religiosa

	Concorda com a escolha intrínseca	Discorda da escolha intrínseca
Concorda com a escolha extrínseca	Indiscriminadamente e Pró-religiosos	Consistentemente Extrínseco
Discorda da escolha extrínseca	Consistentemente Intrínseco	Indiscriminadamente e Anti-Religiosos

Fonte: ALLPORT; ROSS, 1967, p. 438.

Allport (1967) relata dificuldades em compreender como alguns indivíduos podem ser ao mesmo tempo intrínsecos e extrínsecos. Atribui a desvios na coleta dos dados ou a uma predisposição de alguns em dizer sim a tudo o que se relacione a religião, de modo irrefletido. Hunt e King (1971) reexam as publicações sobre a escala e concordam com Allport (1967) que RE e RI são independentes, reafirmando que a ideia de unidimensionalidade deveria ser abandonada.

Análises subsequentes mostraram que os itens intrínsecos apresentavam bastante consistência entre si, mas os extrínsecos não (DITTES, 1971; HOOD JR., 1971). A heterogeneidade observada nos itens extrínsecos levou a conceitualização de subdimensões da orientação extrínseca (KIRKPATRICK, 1989).

Considerando a maior confiabilidade da escala intrínseca, Hoge (1972) buscou criar uma escala específica para avaliar religiosidade intrínseca, enfatizando o aspecto de motivação. Para tanto, utilizou os 8 itens intrínsecos de maior consistência estatística e elaborou outros 14 itens que resultaram em uma escala de testes com 21 itens intrínsecos e 21 itens extrínsecos escolhidos por ministros religiosos. Após aplicação do questionário e análise dos dados obtidos, obteve-se uma escala de 10 itens validada para avaliação da motivação religiosa intrínseca. Hoge (1972) observou, pela primeira vez, que alguns itens extrínsecos avaliavam inclinações distintas: uns refletiam necessidades pessoais e outros, necessidades sociais.

Subsequentemente, Kirkpatrick (1989) avaliou a escala extrínseca de Feagin e a escala I/E de Allport-Ross para testar a consistência dos itens. Por meio de análise fatorial, discriminou os itens referentes a quatro grupos classificados intrínsecos(I), extrínsecos pessoais(Ep), extrínsecos sociais(Es) e extrínsecos residuais(Er).

Os intrínsecos mostravam-se independentes de Ep e Es. Contudo, observou-se uma correlação negativa entre I e Er, revelando que os itens extrínsecos residuais correspondiam a

inversões dos itens intrínsecos. A inclusão de tais itens em uma comparação ampla entre escala intrínseca e extrínseca total são fonte de distorções(KIRKPATRICK, 1989; KIRKPATRICK; HOOD, 1990).

Ainda em seus artigos, Kirkpatrick (1990; p. 450) considerou a presença dos indiscriminadamente pró-religiosos como algo possível, citando Pargament (1987) ao afirmar que algumas pessoas podem “viver” e “usar” a religião. De fato, pessoas que vivem a religião, tendem a utilizar a religião como apoio pessoal e terem suas relações sociais em torno da comunidade religiosa (Kirkpatrick; Hood, 1990).

Pargament (1987) explorou empiricamente os indiscriminadamente pró-religiosos e construiu uma escala de avaliação desse grupo, com base em itens para uma perspectiva pessoal (Pro-p) e outra congregacional (Pro-c) (PARGAMENT et al., 1987). A seguir, questionou se a religiosidade extrínseca, entendida enquanto meio, seria uma busca por significância; enquanto que a religiosidade intrínseca, entendida enquanto fim, seria a meta ou resultado da busca por significância (PARGAMENT, 1992).

A abrangência das orientações religiosas do tipo intrínseca e extrínseca parece não ser ampla o suficiente para abarcar todas as dimensões da religiosidade. Batson (1991) critica o afastamento de Allport do conceito original de religiosidade intrínseca como expressão da maturidade da personalidade e elabora uma escala para avaliar a religiosidade como busca (Quest scale) (BATSON; SCHOENRADE, 1991a; 1991b). A ideia de busca seria a terceira forma de orientação religiosa, depois da intrínseca e da extrínseca.

O aspecto de busca é definido com uma postura interacional, na qual o indivíduo enfrenta diretamente a complexidade das questões existenciais e resiste a respostas prontas fornecidas pela ortodoxia dogmática. Tal indivíduo tem a busca do transcendente como uma meta que pode ou não ser alcançada e admite conviver com a ausência de respostas definitivas (BATSON; SCHOENRADE, 1991b).

Na perspectiva de Batson (1991), a religiosidade como busca é expressão de uma personalidade madura e isso recupera o sentido original de Allport. Cabe apontar que em seu livro *The individual and his religion*, Allport (1950) dedicou um capítulo inteiro à religião como busca.

Religiosidade e desenvolvimento: um resumo do livro "The individual and his religion", de Gordon Allport

O germe para a concepção de RI e RE foi delineado por Allport na obra *The individual and his religion*, como reconhecem Hunt e King (1971). Para compreender plenamente a ideia de orientação religiosa, conforme concebida originalmente por Allport (1950), é necessário proceder a uma leitura minuciosa do referido texto. Apresentamos um resumo das principais ideias nele contida.

O livro *The individual and his religion* contém todo o arcabouço teórico que sustentou o desenho da escala de orientação religiosa por Allport e Ross (1967), bem como a formação da ideia segundo a qual a religiosidade extrínseca e intrínseca compõem extremos de uma linha dependente do desenvolvimento da personalidade, da infância até a vida adulta (ALLPORT, 1950).

A experiência religiosa é complexa e envolve múltiplos aspectos da personalidade. Compõe-se de aspectos cognitivos, emocionais, comportamentais, axiológicos e teleológicos (BATSON; RAYNOR-PRINCE, 1983; POWER; MCKINNEY, 2014; VOCI; BOSETTI; VENEZIANI, 2017). Mais ainda, o modo como cada indivíduo tem essa vivência é particular.

A percepção que Allport (ano) tem da complexidade da experiência religiosa foi alvo de críticas. A principal dificuldade apontada foi que sua escala de orientação religiosa tentou englobar a vasta abrangência de fenômenos relacionados à religiosidade e resultou em heterogeneidade entre seus itens. Autores como Donahue (1971) e Dittes (1985), denunciam que a escala é nomeada como de "orientação religiosa", mas não define exatamente o que seria o conceito. Em vez disso, avalia aspectos de motivação em alguns itens, comportamento em outros, crença e dogmatismo em mais alguns. A escala I/E tentou, com dificuldade, abarcar a pluralidade da experiência religiosa e isso gerou limitações metodológicas (DITTES, 1971; DONAHUE, 1985).

Na concepção original de Allport (ano), o ponto principal é que a religiosidade se desenvolve em estágios em função da maturidade psicológica. O autor (ano) descreve o desenrolar das capacidades cognitivas e emocionais necessárias para a maturidade da religião em cada etapa da vida com base em seus estudos anteriores de personalidade (ALLPORT, 1937; ALLPORT, 1946; ALLPORT; ODBERT, 1936; KEMP, 2005).

RELIGIOSIDADE NA INFÂNCIA

Em seu livro de 1950, Allport define que a percepção que a criança pequena tem do mundo é muito diferente daquela do adulto. Como a religiosidade é diretamente ligada a significados e interpretações, a religião da infância é, por consequência, limitada por suas capacidades cognitivas.

Allport (1950) declara que na primeira infância a religião é ausente, pois não há inteligência ou autoconsciência suficientes para desenvolver um sentimento religioso e sua complexidade. Por esse motivo, as primeiras manifestações de religiosidade de uma criança não são exatamente religiosas, mas um comportamento social compartilhado com os pais e família. Os rituais religiosos são aprendidos assim como os rituais de higiene, mas a compreensão do significado dos mesmos ocorrerá mais tarde.

A religiosidade infantil também é eminentemente voltada para o próprio eu, já que sua visão de mundo é fundamentalmente egocêntrica. Predominam nessa etapa do desenvolvimento o pensamento mágico, o egocentrismo e o antropomorfismo.

A imaturidade psicológica resultará em religiosidade imatura, do tipo extrínseca. A religião está a serviço da pessoa imatura, enquanto a pessoa madura se coloca a serviço dos ideais que a religiosidade representa.

RELIGIOSIDADE NA PUBERDADE

Ainda em *The individual and his religion*, Allport (1950) supõe que, ao longo da infância, o aprendizado social vai gradualmente penetrando e transformando o entendimento da criança. Nos anos que precedem a puberdade, o jovem começa a sofrer decepções ao verificar que suas preces não são atendidas a contento e certas ocorrências consideradas injustas contrariam a ideia de um Deus todo-poderoso, onipresente e onisciente.

Nesse período, a passagem de uma visão egocêntrica para uma desinteressada em relação a Deus é difícil e conflituosa. Muitos indivíduos abandonam completamente a religião ao verem que ela não é a solução mágica para suas aflições.

A teologia infantil vai se tornando cada vez mais próxima da do adulto no período da adolescência. De um lado o garoto aceita a condição de fé preconizada pelos pais sem muito questionamento, de outro seu envolvimento com as práticas ainda é casual, movido muito pelo interesse de pertencer a um grupo e ter aceitação social.

Nessa fase, poderá desenvolver atitudes de intolerância se não for explicitamente educado para o respeito às diferenças. Mais uma vez aqui vemos Allport (1950) atribuindo à imaturidade da religiosidade pessoal a causa do preconceito observado em adeptos de valores religiosos extrínsecos.

RELIGIOSIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Na adolescência, o rapaz ou a moça são compelidos a uma grande mudança: transformar suas atitudes herdadas para atitudes próprias de acordo com sua personalidade. Essa transformação deve ocorrer também no âmbito religioso, suas crenças não podem ser apenas as crenças de seus pais. Nessa fase, de acordo com Allport (1950), vemos frequentemente uma certa rebeldia e 2/3 dos adolescentes reagem contra os

ensinamentos dos pais e da cultura em que se inserem.

Às vezes, uma religião diferente da dos pais é adotada. Eventualmente, diante das dúvidas ou da culpa por conflitos sexuais, muitos abandonam a religião em favor de uma racionalização que lhes permita viver a vida com oportunismo e hedonismo como lhes convém. Outros experimentarão alguma forma de conversão religiosa decorrente de uma experiência em primeira pessoa.

RELIGIOSIDADE NA VIDA ADULTA

Allport (1950) afirma em *The individual and his religion* que, durante o crescimento, a criança renuncia a seus pensamentos egocêntricos em decorrência da pressão que sofre do meio para agir de maneira mais madura e socialmente adequada. Porém, como a religiosidade é muitas vezes considerada um assunto puramente individual, não existe muita cobrança nem pressão a respeito da postura religiosa que, em consequência, pode permanecer com a disposição da personalidade infantil indefinidamente.

Em outras palavras, muitos indivíduos levam para a vida religiosa adulta o pensamento mágico de satisfação de desejos da espiritualidade infantil, enxergando a religião como meio para apaziguar seus medos, ansiedade ou necessidade de pertencer a um grupo social.

A maturidade advém do desejo de se desenvolver um sentimento de acordo com o desenrolar de experiências relevantes ao longo da vida. Para muitas pessoas, essa demanda interna não existe em relação ao sentimento religioso. Percebendo que a religiosidade infantil ou juvenil os mantém em um estado de conforto e sem sofrer pressões externas, acomodam-se em um estágio de desenvolvimento interrompido.

Longe de querer determinar o que é religiosidade madura de uma maneira prescritiva, Allport (1950) propõe uma avaliação mais objetiva, sem entrar no mérito de quais crenças estão ou não corretas. Para tanto, recomenda que a maturidade da personalidade seja medida por 3 aspectos:

Uma variedade de interesses psicogênicos concernentes a valores e objetos ideais, além dos desejos puramente instintivos ou viscerogênicos;

A habilidade de objetificar a si mesmo, ser reflexivo e capaz de insights sobre a própria vida; e

Ter uma filosofia de vida que confira uma certa unidade e integração à personalidade e sua posição no mundo. Tal filosofia não precisa ser religiosa, nem explícita ou completa, mas deve gerar uma cosmovisão para a pessoa.

Evidentemente, não são todas as pessoas que desenvolvem um sentimento religioso. Nesses casos, outras crenças filosóficas podem ocupar o lugar de ordenação da vida e comportamento. Contudo, o sentimento religioso é, na visão de Allport (1950), o mais abrangente e abriga dentro de si todos os demais, incluindo concepções estéticas, morais, intelectuais e metafísicas.

RELIGIOSIDADE MADURA E IMATURA

Dada a imensa tarefa de integração que o sentimento religioso inclui, é natural que muitos não tenham a maturidade pessoal para desenvolvê-lo a contento. Allport (1950) acredita que a maioria das críticas às religiões são na verdade direcionadas às formas imaturas da experiência religiosa. De fato, estudos posteriores a Allport confirmam que a religiosidade extrínseca está mais relacionada a atitudes de preconceito, enquanto a religiosidade intrínseca se associa a melhores índices de saúde mental e menos preconceito (MAHMOODABAD et al., 2016).

Quando imatura, a religiosidade é muito dirigida à autogratificação, permanece irreflexiva, voltada a interesses egocêntricos. Por conseguinte, falha em prover um contexto de significado ou em dar uma característica de unidade integradora à personalidade. Por ser pequena, exclui grandes áreas da experiência e tende a atitudes exclusivistas e fanáticas por ser incapaz de dar visibilidade ao todo interno ou externo.

O sentimento religioso é algo amplo e compreende interesse, visão e sistema de crença. Decorre de funções cognitivas como motivação e organização, as quais, quando engrenadas em uma atividade específica, geram hábitos e traços de personalidade. Quando a organização do sentir e do pensar é direcionada a um valor, a isso Allport (1950) chama mais tecnicamente de sentimento. Define o sentimento religioso maduro como

uma disposição, construída através da experiência, a responder favoravelmente, e de certas formas habituais, a objetos e princípios conceituais que o indivíduo considera como de importância última ou final (ultimate) em sua própria vida, e tendo que ver com o que ele reconhece como permanente ou central na natureza das coisas. (ALLPORT, 1950, p. 56)

Como se pode observar, a religiosidade madura que Allport (1950) considera como apta a proporcionar a experiência da religiosidade intrínseca é fruto de uma diferenciação de grande riqueza e complexidade em termos de disposição mental e certamente inacessível a boa parte das pessoas que passa sua vida atrelada a interesses mais concretos. Por essa razão, nas estimativas de Allport (1950), apenas 10% das pessoas religiosas se incluíam no grupo de religiosidade intrínseca.

Considerando a formação do conceito de religiosidade madura, Dittes (1971) critica Allport afirmando que ele estaria mais preocupado em advogar em favor da religião do que da ciência. Entretanto, a ideia do desenvolvimento da personalidade em estágios, *pari passu* com o amadurecimento do sistema nervoso e das funções cognitivas é corrente nos trabalhos de Piaget e de Kohlberg, nos quais Fowler se baseia para teorizar sobre estágios do desenvolvimento da fé (LOTUFO NETO; LOTUFO JÚNIOR; MARTINS, 2003).

RELIGIOSIDADE COMO FUNÇÃO AUTÔNOMA DA PERSONALIDADE

Retornando ao texto *The individual and his religion*, Allport (1950) indica que a religião imatura, no adulto ou na criança, é voltada ao conforto, à auto justificação e está ainda ligada aos desejos e impulsos corporais. Por outro lado, a religião madura está na condução da vida da pessoa e não a serviço dela.

A religiosidade gera de si mesma propósito, significado e sentido para a existência. Por conseguinte, muitas vezes submete os desejos viscerogênicos aos seus ditames, voltando-os a um ideal maior que o simples autointeresse.

O sentimento religioso na personalidade madura tem um papel de protagonista, sendo responsável por hierarquizar os demais sentimentos e desejos. À medida que a religiosidade se desenvolve, adquire nos estágios mais avançados um certa independência de outras dimensões da personalidade, tornando-se autônoma.

Ainda para Allport (1950), a maturidade do sentimento religioso não se coaduna com fanatismo ou com atitudes compulsivas. O fanatismo é alimentado por forças inconscientes que penetram em um sentimento acrítico e indiferenciado, consubstanciando-se em atitude compulsiva de defender ideias pouco compreendidas como meio de evitar os conflitos que a crítica impõe no sentido da diferenciação até a religiosidade madura.

Uma visão religiosa bem construída e amadurecida é direcionadora para a vida e afeta o comportamento moral do indivíduo de uma maneira estável e consistente, diferente da imaturidade que vive de impulsos flutuantes e alberga contradições entre discurso e ação. É lógico, todavia, que a importância do sentimento religioso varie de acordo com a centralidade que esse valor tem na personalidade de cada indivíduo.

É possível constatar, com base nos argumentos expostos por Allport (1950), a origem de sua visão de religiosidade como uma função que distribui em um continuum que vai da imaturidade à maturidade, da religiosidade extrínseca até a religiosidade intrínseca, do valor religioso como meio até a religiosidade como um valor em si mesma.

No conceito original de Allport (1950), a ideia de religiosidade intrínseca é mais ampla do que os itens da Escala I/E foram capazes de operacionalizar. Pela escala, um indivíduo fundamentalista, de fé acrítica, seria classificado como intrínseco. Todavia, de acordo com o sentido original, sua religiosidade seria do tipo imatura e, portanto, extrínseca.

A RECUPERAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DE ALLPORT EM UMA NOVA ESCALA

Ao tentar traduzir na forma de uma escala os conceitos desenvolvidos previamente, Allport (1967) enfrentou dificuldades que se refletiram na inconsistência da Escala I/E (DITTES, 1971; DONAHUE, 1985; KIRKPATRICK; HOOD, 1990). De fato, a construção dos itens do questionário não parece ter feito jus à concepção original do autor. Comparando-se com o desenvolvimento do conceito de religiosidade madura, nota-se que os itens que correspondem à orientação intrínseca não discriminam

necessariamente a predisposição madura.

Batson e Ventis (1993) sugerem que o conceito clássico de religião madura de Allport desenvolvido em 1950 foi transformado em um conceito de religiosidade intrínseca menos carregado de valor na escala de 1967. Em função disso, uma importante dimensão do conceito original foi perdida (BATSON; RAYNOR-PRINCE, 1983).

Francis et al. (2016) relatam que a confusão se iniciou ainda com Allport que, em uma primeira instância, definiu RI e RE como motivações para a prática religiosa e em um segundo momento, relacionou RI com uma forma mais madura de religiosidade. Ainda segundo esse autor, a partir dos trabalhos de Batson consubstanciou-se uma segunda etapa teórica que tomou a interpretação teológica de Batson sobre o que é religião madura e, ao fundir-se com a linha discursiva de Allport, resultou nas três orientações mais aceitas atualmente: orientação intrínseca, orientação extrínseca e orientação de busca (quest) (FRANCIS et al., 2016).

Contudo, a leitura de textos de Allport (1937; 1946; 1950) anteriores à publicação da Escala I/E permite recuperar a ideia original de que a religiosidade é uma função da personalidade e que a maturidade psicológica resulta em uma fé amadurecida e de caráter intrínseco.

Os critérios que Allport (1950) determina para indicar quem tem uma religiosidade intrínseca são bastante elevados e dependem de um completo amadurecimento da personalidade autônoma. Em 1991, na publicação de um estudo sobre maturidade espiritual, Genia resumiu perfeitamente os critérios de Allport para RI da seguinte forma:

Relacionamento transcendente com algo maior que o si mesmo;

Estilo de vida, incluindo o comportamento moral, é consistente com os valores espirituais;

Comprometimento sem certeza absoluta;

Abertura para pontos de vista espirituais diversos;

A fé madura é despida de egocentricidade, pensamento mágico e conceitos antropomórficos de Deus;

Uma perspectiva espiritual madura inclui componentes emocionais e racionais;

Interesse social e preocupação humanitária;

A fé madura aumenta a vida e promove o crescimento;

Significado e propósito na vida; e

A fé madura não é dependente de um dogma particular, um conjunto de práticas ou uma estrutura religiosa formal.

Esses dez itens estão plenamente de acordo com a teorização de Allport (1950) e serviram de base para a construção de um Índice de Experiência Espiritual (GENIA, 1991).

DISCUSSÃO

O objetivo desse estudo foi avaliar a construção teórica que precedeu à formulação da Escala de Religiosidade Intrínseca e Extrínseca por Gordon Allport. Identificamos um hiato entre os conceitos que Allport (1950) desenvolveu no livro *The individual and his religion* e os itens da escala que deveriam servir para traduzir tais conceitos.

Em decorrência da dificuldade em operacionalizar a ideia de orientação religiosa na forma de uma escala,

surgiram problemas de ordem conceitual e metodológica que se refletiram em várias publicações posteriores que seguiram a referida escala sem recorrer aos conceitos originais do autor para aprimorá-la. No entanto, esse fato não impediu que a Escala de RI/E de Allport e Ross (1967) se tornasse um dos instrumentos mais utilizados e estudados no âmbito da psicologia da religião.

Um componente importante da ideia original de Allport (1950) é que a religiosidade intrínseca está relacionada ao amadurecimento pleno da personalidade, algo perdido na Escala I/E. Ao que tudo indica, Genia (1991) conseguiu recuperar os conceitos originais de Allport, formulando uma nova escala denominada "Índice de Experiência Espiritual".

A religiosidade é um aspecto bastante complexo do comportamento humano. Engloba amplas dimensões como a psicológica, a social, a cultural e a ética. O estudo de um tema tão rico pode ser abordado enquanto fenômeno de caráter coletivo ou caráter individual. Allport concentra-se no aspecto individual (LUNDH, 2015).

Na variedade da experiência religiosa cabe ainda observar que cada cultura comporta grande diversidade de religiões, assim como em cada segmento religioso a vivência de cada indivíduo tem características particulares. Desde 1902, William James apontava que a religião institucional não coincide necessariamente com a religião individual (JAMES, 1902; TAYLOR, 2002).

Segundo Emmons (1998), ressurgiu nas últimas décadas o interesse tanto pela psicologia da personalidade quanto pela psicologia da religião. Como pioneiro da psicologia da religião, Gordon Allport foi identificado por muitos como um "psicólogo da personalidade". Emmons (1998) considera a interface entre religiosidade e personalidade promissora e recomenda uma abordagem metódica da questão.

Allport (1950) compreende que a religiosidade é um comportamento complexo que se constitui paralelamente ao desenvolvimento psicológico do indivíduo. Foi o primeiro autor a sistematicamente distinguir entre religião como um meio para um fim (extrínseca) e religião como um modo de vida (intrínseca) (EMMONS, 1998).

A Escala de RI/E publicada por Allport e Ross (1967) tomou como hipótese central que a religiosidade imatura se manifesta como de característica extrínseca e a religiosidade madura como característica intrínseca. Considerando a oposição entre maturidade e imaturidade, os autores esperavam que religiosidade intrínseca e extrínseca se comportassem como polos extremos de uma única dimensão. Entretanto, a aplicação do questionário revelou que RI e RE são fatores independentes entre si, havendo inclusive a possibilidade de coexistência de ambos no mesmo indivíduo (ALLPORT; ROSS, 1967).

Na expectativa de esmiuçar o que seriam as variáveis medidas na Escala I/E, novos estudos discriminaram dois subtipos de religiosidade extrínseca – pessoal e social – além de permitir a conceituação de uma outra orientação religiosa voltada para a busca (quest), resultando em quatro orientações: intrínseca, extrínseca pessoal, extrínseca social e busca (JAUME; SIMKIN; ETCHEZHAR, 2013; KAHOE;

MEADOW, 1981; KIRKPATRICK, 1989).

É razoável pensar que sendo a religiosidade um aspecto tão complexo do comportamento humano, seu desenvolvimento mais profundo requeira um completo amadurecimento cognitivo e de personalidade. De fato, Allport (1950) considera a religiosidade como uma função autônoma de alta hierarquia que, uma vez desenvolvida, assume um papel de referencial para o comportamento do indivíduo, exercendo a integração da personalidade. Como função autônoma, a religiosidade se constrói a partir de elementos cognitivos e emocionais direcionados a um valor, mas adquire um certo grau de independência dos demais comportamentos (ALLPORT, 1950).

O constructo teórico de Allport sobre religiosidade está manifesto no livro *The individual and his religion*. A Escala I/E, publicada em 1967, não traduziu com fidelidade as intenções do autor, o que resultou em desvios nas pesquisas derivadas do artigo de Allport e Ross (1967).

Por exemplo, Allport esperava não mais que 10% de intrínsecos e, no entanto, obteve uma distribuição relativamente uniforme dos respondentes entre as categorias intrínsecos, extrínsecos e indiscriminadamente pró-religiosos. Essa discordância aponta para um erro na hipótese original do autor ou para uma dificuldade na construção da escala. Kirkpatrick e Hood (1990) chegam a propor a construção de um novo conjunto de itens para melhor avaliar a orientação religiosa.

Ainda ponderando sobre a ideia original do autor, não haveria sentido em fazer uma escala para avaliar orientação religiosa intrínseca ou extrínseca em crianças, exceto como medida para acompanhamento longitudinal do desenvolvimento da mesma. Entretanto, uma escala universal foi proposta por Gorsuch (GORSUCH; VENABLE, 1983; MALTBY; LEWIS, 1996).

É possível resumir os pontos cruciais de Allport (1950) a seguir:

A religiosidade é função complexa que depende do desenvolvimento da personalidade;

A religiosidade madura se manifesta como orientação religiosa do tipo intrínseca ou de busca;

A religiosidade madura estaria associada a melhores indicadores de saúde mental; e

A religiosidade é comportamento cognitivo e emocional direcionado a um valor que se constitui como função autônoma de alta hierarquia, capaz de integrar a personalidade e direcionar o comportamento.

CONCLUSÃO

O fundamento teórico para a Escala I/E de Allport é encontrado no livro *The individual and his religion* (1950). Contudo, a Escala I/E perdeu uma quantidade significativa da conceituação do autor no processo de operacionalização (BATSON et al., 1993).

Enquanto boa parte dos estudos sobre religiosidade intrínseca e extrínseca apenas deram seguimento ao constructo operacional na forma da Escala I/E, alguns poucos autores se debruçaram nas origens conceituais desenvolvidas por Allport

(1950). Esse esforço de recuperação resultou na exploração de religião como busca em Batson e Schoenrade (1991b) e no desenvolvimento de um Índice de Experiência Espiritual em Genia (1991).

Apesar da independência das variáveis denominadas religiosidade intrínseca e religiosidade extrínseca, boa parte das pesquisas posteriores continua testando ambas categorias e comparando seus efeitos em questões de saúde mental (BAHÇEKAPILI; YILMAZ, 2017; DAMAYANTI, 2018; KRYSINSKA et al., 2017; LEACH; GORE, 2017; LITMAN et al., 2017).

A presente revisão identifica a oportunidade de incentivar estudos que investiguem a relação entre maturidade de personalidade e orientação religiosa. Recomenda o estudo do impacto da religião madura, conforme avaliada por instrumentos como a Quest Scale de Batson (1991) e o SEI de Genia (1991), sobre indicadores de saúde mental.

Por fim, falta explorar a asserção de Allport (1950) que diz que a religiosidade é uma função autônoma da personalidade. Essa interpretação de Allport é importante e merece investigação para se discernir se os benefícios cognitivos e comportamentais associados a religiosidade madura são realmente fruto dessa orientação religiosa como variável isolada ou apenas marcadores substitutos de um amadurecimento pessoal global.

REFERÊNCIAS

- ALLPORT, G. W. Pattern and growth in personality. 1. ed. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1937.
- ALLPORT, G. W. Personality, a symposium: geneticism versus ego-structure in theories of personality. The British journal of educational psychology, v. 16, n. 1, p. 57-68, jun. 1946.
- ALLPORT, G. W. The individual and his religion: a psychological interpretation. [s.l.]: Macmillan, 1950.
- ALLPORT, G. W. The Religious Context of Prejudice. Journal for the scientific study of religion, v. 5, n. 3, p. 447, 1966.
- ALLPORT, G. W.; GILLESPIE, J. M.; YOUNG, J. The religion of the post-war college student. Journal of psychology: Interdisciplinary and Applied, v. 25, p. 3-33, 1948.
- ALLPORT, G. W.; KRAMER, B. M. Some Roots of Prejudice. Journal of psychology: Interdisciplinary and Applied, v. 22, n. 1, p. 9-39, 1946.
- ALLPORT, G. W.; ODBERT, H. S. Trait-names: a psycho-lexical study. Psychological monographs, v. 47, n. 1, p. i-171, 1936.
- ALLPORT, G. W.; ROSS, J. M. Personal religious orientation and prejudice. Journal of personality and social psychology, v. 5, n. 4, p. 432-443, 1967.
- BAHÇEKAPILI, H. G.; YILMAZ, O. The relation between different types of religiosity and analytic cognitive style. Personality and individual differences, v. 117, p. 267-272, 2017.
- BATSON, C. D.; SCHOENRADE, P.; VENTIS, W. L. Religion and the individual : a social-psychological perspective. [s.l.]: Oxford University Press, 1993.
- BATSON, C. D.; RAYNOR-PRINCE, L. Religious orientation and complexity of thought about existential concerns. Journal for the scientific study of religion, v. 22, n. 1, p. 38, mar. 1983.
- BATSON, C. D.; SCHOENRADE, P. A. Measuring religion as quest: 2) reliability concerns. Journal for the scientific study of religion, v. 30, n. 4, p. 430, 1991a.
- _____. Measuring religion as quest: 1) validity concerns. Journal for the scientific study of religion, v. 30, n. 4, p. 416, dez. 1991b.
- BREWCZYNSKI, J.; MACDONALD, D. A. Confirmatory factor analysis of the Allport and Ross religious orientation scale with a Polish sample. International journal for the psychology of religion, v. 16, n. 1, p. 63-76, jan. 2006.
- DAMAYANTI, T. W. Tax compliance: between intrinsic religiosity and extrinsic religiosity. Journal of economics, business & accountancy Ventura, v. 21, n. 1, p. 41-49, 2018.
- DARVYRI, P. et al. The revised intrinsic/extrinsic religious orientation scale in a sample of Attica's inhabitants. Psychology, v. 5, p. 1557-1567, Sep. 2014.
- DITTES, J. E. Typing the typologies: some parallels in the career of church-sect and extrinsic-intrinsic. Journal for the scientific study of religion, v. 10, n. 4, p. 375, 1971.
- DONAHUE, M. J. Intrinsic and extrinsic religiousness: review and meta-analysis. Journal of personality and social psychology, v. 48, n. 2, p. 400-419, 1985.
- EMMONS, R. A. Religion and personality. In: KOENIG, H. G. (Ed.). Handbook of religion and mental health. 1. ed. San Diego: Academic Press, 1998. p. 65-75.
- FEAGIN, J. R. Prejudice and religious types: a focused study of Southern fundamentalists. Journal for the scientific study of religion, v. 4, n. 1, p. 3, 1964.
- FRANCIS, L. et al. The new indices of religious orientation revised (NIROR): a study among Canadian adolescents attending a baptist youth mission and service event. Religions, v. 7, n. 5, p. 56, May 20 2016.
- GENIA, V. The spiritual experience index: a measure of spiritual maturity. Journal of religion & health, v. 30, n. 4, p. 337-347, 1991.

- GORSUCH, R.; VENABLE, G. Development of an "age universal" IE scale. *Journal for the scientific study of religion*, v. 22, n. 2, p. 181-187, 1983.
- HOGUE, R. A validated intrinsic religion motivation scale. *Journal for the scientific study of religion*, v. 11, p. 369-376, 1972.
- HOOD JR., R. W. A Comparison of the Allport and Feagin scoring procedures for intrinsic/extrinsic religious orientation. *Journal for the scientific study of religion*, v. 10, n. 4, p. 370-374, 1971.
- HUNT, R. A.; KING, M. The intrinsic-extrinsic concept: a review and evaluation. *Journal for the scientific study of religion*, v. 10, n. 4, p. 339, 1971.
- JAMES, W. The varieties of religious experience : a study in human nature : being the Gifford Lectures on natural religion delivered at Edinburgh in 1901-1902. New York; London: Longmans, Green, 1902, 1902.
- JAUME, L.; SIMKIN, H.; ETCHEZAHAR, E. Religious as quest and its relationship with intrinsic and extrinsic orientation. *International journal of psychological research*, v. 6, n. 2, p. 71-78, 2013.
- KAHOE, R. D.; MEADOW, M. J. A developmental perspective on religious orientation dimensions. *Journal of religion & health*, v. 20, n. 1, p. 8-17, 1981.
- KEMP, H. VANDE. Gordon Allport's the individual and his religion: a psychological interpretation (1950): an essay review. *Psyche en Geloof*, v. 16, n. 3, p. 139-143, 2005.
- KHODADADY, E.; BAGHERI, N. Construct validation of a modified religious orientation scale within an Islamic context. *International journal of business and social science*, v. 3, n. 11, p. 237-246, 2012.
- KIRKPATRICK, L. A. A Psychometric analysis of the Allport-Ross and Feagin measures of intrinsic-extrinsic religious orientation. In: LYNN, M.L.; MOBERG, D. O. (Ed.). *Research in the social scientific study of religion: a research annual volume 1*. 1st. ed. Stamford: JAI, 1989. p. 1-31.
- KIRKPATRICK, L. A.; HOOD, R. W. Intrinsic-extrinsic religious orientation : the boon or bane of contemporary psychology of religion? *Journal for the scientific study of religion*, v. 29, n. 4, p. 442-462, 1990.
- KRYSINSKA, K. et al. The roles of religion and spirituality in suicide bereavement and postvention. In: *Postvention in action: the international handbook of suicide bereavement support*. Krysinska, Karolina: School of Psychiatry, University of New South Wales, Hospital Road, Randwick, NSW, Australia, 2031, k.krysinska@unsw.edu.au: Hogrefe Publishing, 2017. p. 186-196.
- LEACH, E. C. D.; GORE, J. S. The link between time orientation and religious orientation among American college students. *Mental health, religion & culture*, v. 20, n. 2, p. 154-161, 2017.
- LITMAN, L.; ROBINSON, J.; WEINBERGER-LITMAN, S. L.; FINKELSTEIN, R. Both intrinsic and extrinsic religious orientation are positively associated with attitudes toward cleanliness: Exploring multiple routes from godliness to cleanliness. *Journal of religion and health* Litman, Leib: Department of Psychology, Lander College, 75-31 150th Street, Flushing, NY, US, 1 Geloof 1367, leib.litman@touro.edu Springer, , 2017.
- LUNDH, L.-G. The person as a focus for research. The contributions of Windelband, Stern, Allport, Lamiell and Magnusson. *Journal for person-oriented research*, v. 1, n. 1-2, p. 15-33, 2015.
- MAHMOODABAD, S. S. M. et al. Extrinsic and intrinsic religiosity. *Research journal of medical sciences*, v. 10, n. 4, p. 232-236, 2016.
- MALTBY, J.; LEWIS, C. A. Measuring intrinsic and extrinsic orientation toward religion: amendments for its use among religious and non-religious samples. *Personality and individual differences*, v. 21, n. 6, p. 937-946, 1996.
- MASTERS, K. S. Of boons, banes, babies, and bath water: a reply to the Kirkpatrick and Hood discussion of intrinsic-extrinsic religious orientation. *Journal for the scientific study of religion*, v. 30, n. 3, p. 312, 2006.
- LOTUFO NETO, F.; LOTUFO JÚNIOR, Z.; MARTINS, J. C. *Influências da religião na saúde mental*. 1. ed. Santo André: ESE Tec, 2003.
- PARGAMENT, K. I. Of means and ends: religion and the search for significance. *The international journal for the psychology of religion*, v. 2, n. 4, p. 201-229, 1992.
- PARGAMENT, K. I. et al. Indiscriminate proreligiosity: conceptualization and measurement. *Journal for the scientific study of religion*, v. 26, n. 2, p. 182, jun. 1987.
- POWER, L.; MCKINNEY, C. The effects of religiosity on psychopathology in emerging adults: intrinsic versus extrinsic religiosity. *Journal of religion and health*, v. 53, n. 5, p. 1529-1538, 2014.
- TAUNAY, T. C. et al. Development and validation of the intrinsic religiosity inventory (IRI). *Revista brasileira de psiquiatria*, v. 34, n. 1, p. 76-81, 2012.
- TAYLOR, C. *Varieties of religion today: William James revisited*. 1. ed. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

TILIOPOULOS, N. et al. The means and ends of religiosity: a fresh look at Gordon Allport's religious orientation dimensions. *Personality and individual differences*, v. 42, n. 8, p. 1609-1620, 2007.

VOCI, A.; BOSETTI, G. L.; VENEZIANI, C. A. Measuring religion as end, means, and quest: the religious life and orientation scale. *TPM: testing, psychometrics, methodology in applied psychology*, v. 24, n. 1, p. 83-98, 2017.

WILSON, W. C. Extrinsic religious values and prejudice. *Journal of abnormal and social psychology*, v. 60, n. 2, p. 286-288, 1960.